

JOÃO TEIXEIRA LOPES

Departamento e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto)

Quando falamos da diversidade do mundo, do que falamos nós? De um lado, da inesgotável pluralidade das práticas sociais, das culturas e das visões do mundo, que não se podem reduzir, sob a forma arbitrária de um arbitrário (como diria Pierre Bourdieu), a nenhum colete de forças político ou epistemológico:

O único fundamento universal que pode ser dado a uma cultura reside no reconhecimento do elemento arbitrário que ela deve à sua historicidade: tratar-se-ia, portanto, de pôr em evidência essa arbitrariedade e de desenvolver os instrumentos necessários (os fornecidos pela filosofia, a filologia, a etnologia, a história ou a sociologia) para compreender e aceitar outras formas de cultura<sup>1</sup> (BOURDIEU, 1985).

Contextualizar, relativizar e relacionar são, pois, requisitos básicos de um saber que combate o etnocentrismo. Por outro lado, falamos da identificação das múltiplas formas de desigualdade social que transformam as diferenças em injustiças e que formam, na sua inter-relação, um pesado sistema de dominação no qual dimensões como a classe, o género, a raça, a idade ou a inscrição territorial, entre outros fatores, desempenham um papel relativamente autónomo e profundamente interligado.

Ora, este número da *Contracorrentes* pretende, precisamente, assinalar pesquisas que, pelo seu objeto e enquadramento teórico, nos levam a perscrutar para além das coutadas essencialistas, seguindo o cariz eminentemente relacional dos fenômenos sociais.

Assim, Agostinho Armando indaga sobre a legalidade das práticas de avaliadores de desempenho no governo do distrito de Nacarôa, enquanto indicador de estratégias organizacionais que valorizam o profissionalismo, indagando sobre descoincidências entre a arquitetura jurídica e a realidade do terreno.

Por seu lado, Ana Maria dos Santos e Maria Cícera Lopes da Silva, cruzando literatura e sociologia da infância, analisam as concepções de criança e de infância nas obras *Vidas Secas* e *Infância*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, procurando superar as idealizações etnocêntricas e universalizantes deste ciclo de vida, resgatando a intrínseca pluralidade, agência e a multivocalidade das vivências infantis sob o prisma da ficção literária.

---

<sup>1</sup>Perre Bourdieu (1985), *Propositions pour l'enseignement de l'avenir*, <https://acireph.org/nos-recherches/regards-historiques/documents-relatifs-a-la-guerre-des-programmes/article/propositions-pour-l-enseignement-de-l-avenir-par-pierre-bourdieu>

A propósito do racismo na educação, Alex Sander da Silva, Silvana Mazzuquello Teixeira e Guilherme Orestes Canarim seguem as pistas do biopoder de Michel Foucault e da generalização da necropolítica, tal como concebida por Achille Mbembe, para analisarem processos de racialização que utilizam o silenciamento, a violência e o controle como imposição de uma hegemonia total que significa, em muitos casos, a morte social.

Laryssa da Silva Machado segue este mesmo caminho de questionamento do silêncio, forma maior de violência simbólica, ao procurar, para além das fontes históricas tradicionais, as experiências quotidianas dos escravos vítimas do tráfico negro no litoral brasileiro.

Ainda no domínio da educação, Daniel Silva Brandão e Ernesto Renan Melo Freitas Pinto seguem, em outro estimulante ensaio, o itinerário do filósofo húngaro István Mészáros na procura das condições sociais da emancipação através de práticas educativas que se configurem como o inverso da alienação.

Prosseguindo no terreno da pedagogia, Nelma Catulino e Pedro Rapozo aprofundam as propostas de Edgar Morin no elogio da complexidade, aplicando-a como recurso transdisciplinar ao estudo dos obstáculos e potencialidades presentes na educação escolar indígena.

Finalizando as digressões sobre o campo educativo, desta feita no ensino pós-graduado, Shirlei Regina da Costa Piñeiro analisam o perfil dos alunos que estiveram ou que ainda se encontram vinculados no Mestrado em Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, concluindo por uma sub-representação das populações negra e indígena no corpo discente e, em contracorrente, por uma atenuação das disparidades de género.

Mudando de temática, Pryscila Nunes Duarte de Amorim e Gimima Beatriz Melo da Silva analisam os efeitos da pandemia na comunicação política em rede, através de um estudo das eleições municipais de 2020, tomando como foco as interações entre o sistema jurídico (as resoluções do Tribunal Superior Eleitoral) e o novo espaço público da comunicação digital, com as suas específicas ferramentas e linguagens, reconfigurando as relações de poder num universo híbrido que articula real e virtual.

Uma última parte deste dossiê é dedicado às aulas inaugurais do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. O Professor Ernesto Renan Melo Freitas Pinto realça a importância da constituição de um corpus de pensamento crítico sobre a Amazônia, a partir dos saberes histórico e contextualmente inscritos na matriz das ciências sociais e humanas. Por seu lado, José Aldemir de Oliveira enaltece a interdisciplinaridade enquanto ferramenta que permite pensar a complexidade, estendendo-se para além dos conhecimentos disciplinares, ampliando, assim, os limites da racionalidade científica.

Em suma, estamos na presença de um conjunto de reflexões que nos obrigam a articular perspectivas e a superar lógicas de enclausuramento. A interseccionalidade, aliás, não deve ser reduzida a um mero somatório de diferenças justapostas e essencializadas. O seu propósito é vasto e obriga a cruzar, sob múltiplos ângulos, o que na própria realidade se encontra relacionado. Eis um bom lema: procurar a diversidade do mundo com lentes que privilegiam a complexidade e a relação. Seguindo-o, talvez contribuamos para a renovação das ciências sociais e humanas, tornando-as aptas a captar a pulsante dinâmica da contemporaneidade, preche de contradições, conflitos e esperança.